



Geodiversidade

**PERCURSO INTERPRETATIVO
ESTRELA GEOPARK**



Os percursos interpretativos do Estrela Geopark constituem uma oportunidade para conhecer o território da serra da Estrela e partir à descoberta da especificidade da sua paisagem e de um património único capaz de nos guiar pelo melhor que esta montanha tem. O conjunto dos percursos interpretativos são uma forma de, com interpretação ou livremente, conhecer melhor os recursos deste Geopark, constituindo autênticas viagens pela geologia, pelos castelos, pelos miradouros, pelo património religioso e industrial da Estrela, mas também viagens pela água e pelas marcas da última glaciação, visíveis nos setores mais elevados da serra da Estrela. Nos sete percursos disponíveis, descubra uma Estrela diferente e interprete o seu incontornável património, agora classificado pela UNESCO como Geopark Mundial.

DESCRIÇÃO:

O percurso interpretativo da Geodiversidade constitui uma verdadeira viagem pela história Geológica deste território, abraçando um número significativo de recursos patrimoniais que estiveram na origem da classificação da UNESCO. Desde os antigos xistos da Quinta da Taberna até às mais recentes evidências da última idade do gelo na Serra da Estrela, são inúmeras as experiências de visita e conhecimento que este itinerário nos proporcionará, numa combinação de sentidos traduzidos por uma paisagem, ora agreste, ora imponente, mas sempre de uma beleza inigualável.

TIPO DE PERCURSO: linear | **EXTENSÃO APROXIMADA:** 72Km | **PONTO DE PARTIDA:** Quinta da Taberna | **PONTO DE CHEGADA:** Planalto da Torre

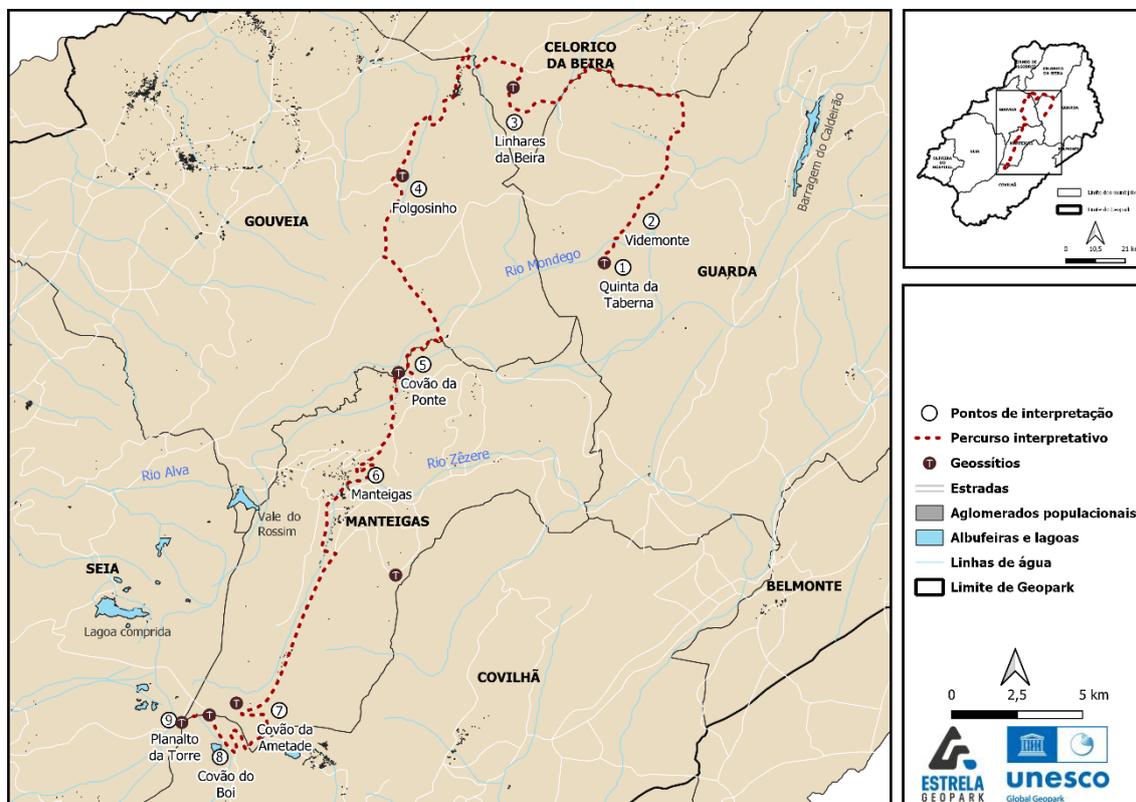


Figura 1 - Percurso proposto

1. QUINTA DA TABERNA (40° 09' 55.43"N ; 7° 37' 26.67"O)

A geologia da Quinta da Taberna e da sua envolvente é marcada pela presença de afloramentos de rochas muito antigas - os xistos. Estas rochas, com mais de 600 milhões de anos, formaram-se num período em que toda a região da serra da Estrela se encontrava no fundo de um antigo oceano e, quando as observamos com atenção, apercebemo-nos que estas se encontram de tal modo dobradas, que se assemelham às telhas das casas que aqui foram construídas. Estas dobras são o resultado de vários processos que ocorreram no nosso planeta, tal como o movimento dos continentes, ao longo de milhões de anos, até à posição atual.

Neste local, além da geologia e de uma paisagem arrebatadora, também se pode desfrutar de uma praia fluvial, onde poderá refrescar-se nas águas límpidas e cristalinas do maior rio inteiramente português, cuja nascente se encontra na serra da Estrela - o Mondego.



Figura 2 - Metassedimentos da Quinta da Taberna

2. VIDEMONTE (40° 30' 52.46"N; 7° 23' 33.65"o)

Em Videmonte é clara a associação entre a geologia e os modos de vida rurais das pessoas que ali vivem, como são testemunho as habitações, construídas em xisto e granito, devido à proximidade do contacto entre estas duas litologias. Nesta aldeia, tipicamente de montanha, ainda se mantêm algumas atividades tradicionais, como é exemplo a utilização do forno comunitário para cozer o saboroso pão de centeio, cereal produzido no planalto de Videmonte, com auxílio do antigo sistema de rega que, em tempos, era utilizado para distribuir água pela aldeia, sendo hoje usado para a rega dos campos. Privilegiada pelos recursos hídricos e eólicos, a pitoresca aldeia de Videmonte possui também um relevante património histórico e arquitetónico, como são exemplo a igreja matriz (Igreja de São João Baptista) que foi construída, em estilo barroco, no século XVII e as fontes e lavadouros datados do século XVIII e XIX.

3. LINHARES DA BEIRA (40° 32' 29. 30"N; 7° 27' 42. 95"O)

Nesta viagem pela geologia da Estrela, passamos numa das duas Aldeias Históricas de Portugal do Estrela Geopark - a Aldeia de Linhares da Beira, cujo Castelo se encontra instalado sobre um pequeno planalto granítico, oferecendo-nos uma vista panorâmica para a "Plataforma do Mondego". Esta Aldeia, antiga vila medieval do séc. XII, é detentora de um valioso património construído, tendo o granito como o elemento paisagístico mais relevante. Aqui podemos encontrar importantes vestígios romanos, assim como várias marcas da presença judaica neste território.



Figura 3 - Castelo de Linhares da Beira

4. FOLGOSINHO (40° 30' 39. 70"N; 7° 30' 43.48"O)

Esta aldeia de montanha oferece, a quem a visita, a possibilidade de conhecer um diversificado património natural e cultural, desde os pitorescos fontenários, onde se leem provérbios populares, às marcas deixadas pela História dos diferentes povos que aqui viveram, como a calçada romana e os vestígios judaicos. Também a geologia desta aldeia é caprichosa, pois numa região onde predomina o granito observamos um filão de um dos três minerais que constituem esta rocha – o quartzo. Este filão de quartzo, com uma espessura de quase 10 metros, foi o local escolhido para a edificação do castelo de Folgosinho. Durante as décadas de 40 e 50 do século passado, foi feita exploração mineira neste filão, para extração de volfrâmio e estanho, utilizados na produção de armamento militar, durante a II Guerra Mundial.



Figura 4 - Castelo de Folgoso

5. CASAIS DE FOLGOSINHO/COVÃO DA PONTE (40° 26' 33. 84" N; 7° 30' 54. 62" O)

O Covão da Ponte é, como o nome indica, uma grande cova, que possui o xisto como rocha predominante, como se pode comprovar pelos afloramentos observados junto à estrada e pelas construções das escassas habitações que aqui se encontram. O Rio Mondego, cuja nascente se encontra a montante, nas Penhas Douradas, sulca o seu traçado em direção a Videmonte, atravessando este covão e a região a jusante, designada por Casais de Folgoso. Devido ao tipo de rocha existente e aos depósitos aluvionares, que correspondem a sedimentos e material transportado pelo rio, bem como à abundância de água, formam-se nesta região belas pastagens para os rebanhos dos pastores que aqui habitam. Contudo, a paisagem dos Casais de Folgoso é marcada pelas cearas de centeio, que ondulam ao sabor do vento, demonstrando a clara relação entre a geologia e os modos de vida tradicionais, onde o Homem trabalha habilmente a terra, respeitando a natureza.



Figura 5 - Casais de Folgoso e Covão da Ponte

6. MANTEIGAS (40° 24' 09. 79" N; 7° 32' 18. 66" O)

Localizada em pleno Vale Glaciário do Zêzere, a vila de Manteigas oferece-nos uma paisagem arrebatadora, moldada e aperfeiçoada por antigos glaciares. Segundo os registos históricos, esta vila terá sido fundada entre 1186 e 1188 e a origem do seu topónimo tem sido muito discutida, existindo atualmente três versões para explicar o nome da vila de Manteigas. Uma das versões associa o vocábulo ao plural de manteiga, uma vez que em tempos remotos existiria nesta região muito gado bovino, fazendo-se aqui boas manteigas. Uma outra versão relaciona-se com a possibilidade de terem existido, nesta povoação, várias pessoas com o sobrenome Manteigas, originando a expressão «o lugar dos manteigas». Na terceira versão, é feita a associação do topónimo à palavra *manteca*, que significa “manta pequena”. As mantecas correspondem às capas que os pastores utilizavam, havendo aqui uma relação dessa palavra, que poderá ter evoluído para Manteigas, com os modos de vida tradicionais da região.

A geologia da vila de Manteigas é muito marcada pela grande falha que a atravessa, desde o norte de Portugal, em Bragança, até Unhais da Serra, pois contribuiu para a abertura do vale do Zêzere, que posteriormente foi moldado pelo glaciar, e para a insurgência de águas termais, como acontece na Fonte Santa. Nesta fonte, podemos encontrar uma água mineral, que chega à superfície ainda quente, com um intenso odor a enxofre. Devido às suas características físico-químicas e à sua temperatura (48 graus celsius), estas águas são utilizadas na Estância Termal das Caldas de Manteigas, para fins medicinais, há vários séculos, uma vez que a primeira referência conhecida sobre estas termas foi feita no “Aquilégio Medicinal”, em 1726.



Figura 6 - Vila de Manteigas

7. COVÃO DA AMETADE (40° 19' 42. 20" N; 7° 35' 18. 31" O)

O Covão da Ametade, como a maioria dos covões da Estrela, formou-se devido à ação erosiva do glaciar que aqui existiu durante a última idade do gelo, que se iniciou há 100 mil anos e terminou há cerca de 10 mil anos. Uma grande massa de gelo provinha das regiões mais altas da montanha e fluía em direção à vila de Manteigas, ao longo do Vale Glaciário do Zêzere. À medida que o glaciar deslizava, ia arrancando

pedaços de rocha, formando uma grande “cova”. Este covão encontra-se no meio de outros dois covões, o Covão Cimeiro (a montante) e o Covão da Albergaria (a jusante), e essa é uma das justificações para o nome deste covão. Outra justificação para a sua toponímia, é o facto de este covão ser atravessado pelo rio Zêzere, que o divide ao meio, isto é, “à metade”. Este covão é também conhecido como o “coração da Estrela”, porque quando observamos esta área deprimida de cima, apercebemo-nos que as árvores aqui existentes, as bétulas, formam um coração. Apesar das bétulas, ou vidoeiros como são conhecidas localmente, serem autóctones da Serra da Estrela, estas foram aqui plantadas para servir de abrigo aos pastores quando subiam para a parte mais alta da montanha com os seus rebanhos.

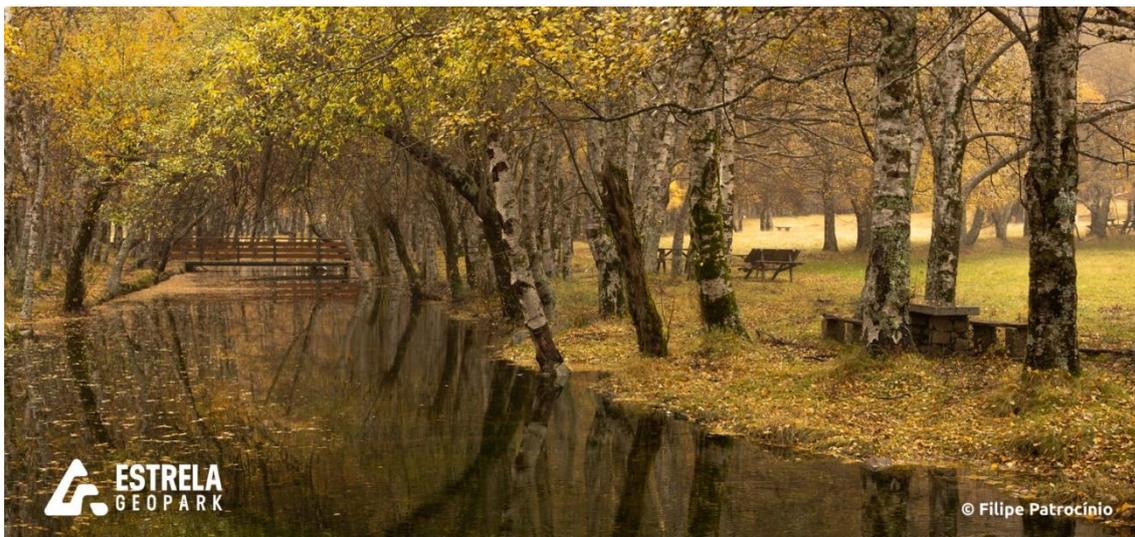


Figura 7 - Covão da Ametade

8. COVÃO DO BOI (40° 19' 27. 60" N; 7° 36' 01. 74" O)

Neste geossítio encontramos um conjunto de colunas graníticas, com uma altura entre os 4 a 8 metros, constituindo um local de interesse científico de relevância internacional. Estas colunas de granito, localmente designadas por queijeiras, pelo facto de se assemelharem à forma empilhada dos típicos queijos da Estrela, formaram-se devido à erosão do granito existente e, antes de surgirem à superfície, estas já existiam no subsolo, mas estavam envolvidas por um espesso manto de alteração, constituído por areias graníticas. Durante a última glaciação, o fundo do vale do Covão do Boi situava-se à altura do topo das colunas, pelo que o glaciar passava por cima destas colunas, que foram então cortadas pela erosão glaciária. Esta explicação é comprovada pelo facto de, atualmente, todas as colunas estarem relativamente à mesma altura. Mais tarde, quando o glaciar desapareceu, por ação das chuvas, todo o manto de alteração foi removido, ficando as colunas graníticas expostas. Este geossítio é também muito interessante do ponto de vista da biodiversidade e da cultura. Existe neste local uma imagem esculpida na rocha, que corresponde à Nossa Senhora da Boa Estrela, a santa padroeira dos pastores. Na primavera, é comum encontrarmos aqui uma das subespécies endémicas da Serra da Estrela - a lagartixa da montanha, que não pode ser observada em mais nenhum lugar do mundo.



Figura 8 - Colunas Graníticas do Covão do Boi

9. PLANALTO DA TORRE (40° 19' 19.08" N; 7° 36' 46.84" O)

O Planalto da Torre, com altitude crescente desde cerca de 1500 m nas Penhas Douradas, a norte e culminando no Alto da Torre (1993 metros), é o ponto mais alto de Portugal Continental. Há cerca de 20 milhões de anos, depois de uma fase de dezenas de milhões de anos em que o interior de Portugal se caracterizava por grandes planícies, o choque entre a Península Ibérica e África, causou o levantamento da Serra da Estrela e de toda a Cordilheira Central. Este levantamento, quase como um único bloco, limitado por grandes falhas a noroeste e a sudeste, fez com que a superfície plana original subisse entre duas áreas mais baixas - a noroeste, a plataforma do Mondego, e a sul, a Cova da Beira e a Superfície de Castelo Branco. A presença de um planalto no topo da Estrela foi essencial para o desenvolvimento de glaciares amplos e com consequências muito expressivas na modelação da paisagem. Na verdade, nos últimos dois milhões de anos e ao longo de várias fases longas e frias, com duração de dezenas de milhares de anos, os chamados períodos glaciários, a Estrela teve glaciares importantes, chegando a ocupar uma área de 66 km². No Alto da Torre, há 30 mil anos, a espessura de gelo era de 90 metros, alimentando os diversos glaciares de vale que se encontram em torno desta área.



Figura 9 - Planalto da Torre

INFORMAÇÕES ÚTEIS

Outros pontos de interesse

POÇO DO INFERNO | GEOSSÍTIO DO ESTRELA UGGp (40º 22' 20. 93" N; 7º 30' 59. 01" O)

VIVEIROS DAS TRUTAS (40º 22' 57. 25" N; 7º 32' 42. 01" O)

Horário:

Aberto todos os dias: 08h00-12h00 | 13h00-17h00

ECOLÃ (40º 23' 34. 04" N; 7º 32' 30. 83" O)

A Ecolã é uma fábrica que permite ao visitante conhecer todas as etapas de produção das peças de Burel, desde a tosquia das ovelhas até à confeção final. A visita à fábrica é feita mediante marcação.

Contactos: burelmanteigas@burelfactory.com

(+351) 913 285 370

BUREL FACTORY (40º 23' 36. 56" N; 7º 32' 29. 02" O)

A visita a esta fábrica dá a conhecer os métodos tradicionais de produção, ainda hoje utilizados no fabrico do Burel e das Mantecas. A visita à fábrica é feita mediante marcação.

Contactos: factory@burelfactory.com

(+351) 926 542 095

TERMAS DE MANTEIGAS (40º 23' 09. 83" N; 7º 32' 42. 05" O)

Horário:

Aberto de 1 de março a 30 novembro

-Terça-feira a sábado: 8h00-13h00 | 14h00-17h00

-Horário de segunda-feira e domingo: 14h00-17h00

Contactos: inatel.manteigas@inatel.pt

(+351) 275 980 300

MUSEU DA TECELAGEM (40º 29' 39. 17" N; 7º 21' 31. 73" O)

O Museu da Tecelagem encontra-se sediado numa antiga fábrica de tecelagem, numa freguesia rural da Guarda, e possui um espólio ligado à tecelagem. A visita a este museu é feita mediante marcação prévia.

Horário:

Aberto de: Segunda-feira a sábado: 09h00-12h30 | 13h30-17h00

Encerra: domingo, 01 de janeiro, domingo de Páscoa e 25 de dezembro

Vivências e Festividades:

MANTEIGAS

- Julho – Feira Antiga
- Novembro – IMAGINATURE (Festival de Fotografia de Paisagem)

GOUVEIA

- Agosto - Festival Internacional de Folclore de Gouveia
- Novembro – Festival da Castanha

GUARDA

- Julho – Festa da Transumância
- Setembro - Feira Farta

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- O Percorso Interpretativo pode ser realizado com interpretação do Estrela Geopark ou de forma autónoma.
- Os percursos, quando interpretados pelo Estrela Geopark, serão acompanhados na íntegra, por pelo menos um técnico.
- Os horários são flexíveis, podendo alterar-se em função das indicações dos participantes e/ou em função do decorrer da própria visita.
- O percurso apresentado realiza-se em territórios de montanha, com as limitações associadas às condições meteorológicas e de acessibilidade. Neste sentido, devem ser tomadas as devidas precauções na escolha do período de visita, assim como no transporte utilizado.
- Apesar do percurso apresentado estar estruturado para um dia, poderemos desenvolver um percurso à medida, em função do tempo disponível para a realização do mesmo.
- Pese embora a ordem apresentada, o percurso pode ser realizado de forma inversa.
- Nos locais museológicos ou interpretativos aconselhamos a consulta do respetivo horário de funcionamento nos sites institucionais.
- Sempre que os percursos forem orientados pelo Estrela Geopark Mundial da UNESCO, acresce custos de execução, os quais são definidos após o contacto (valor inclui seguro).
- O transporte e refeições são da responsabilidade dos participantes.
- Parceiros Estrela Geopark: consulte www.geoparkestrela.pt/associacao/parceiros
- **Para mais informações e/ou marcações contacte a Associação Geopark Estrela**

Associação Geopark Estrela
Av. Dr. Francisco Sá Carneiro, nº50
6300-559 Guarda

963 629 179
www.geoparkestrela.pt | info@geoparkestrela.pt